

VEÍCULO: Folha de São Paulo**Seção: Economia****Autor: Da Bloomberg****Data: 04/09/2009****Título: Mineração: Demanda de Europa e Japão leva Vale a reativar minas**

A Vale, a maior exportadora mundial de minério de ferro, está reativando minas ociosas devido à demanda por parte das siderúrgicas japonesas e europeias.

A demanda de outros países que não a China está reacendendo. As usinas japonesas passam por uma recuperação "muito rápida", disse José Carlos Martins, diretor-executivo de metais ferrosos da empresa. A demanda chinesa está "boa", completou.

A produção chinesa de aço bruto saltou para um recorde em julho, e a queda da oferta japonesa desacelerou no mesmo mês, num momento de melhora da economia mundial. A Vale tinha diminuído a produção de minério de ferro com a queda de 32% registrada pela suas remessas no segundo trimestre.

"Durante a crise reduzimos nossa produção em até 30%, agora estamos restabelecendo. Vai levar certo tempo, mas isso mostra nossa confiança de que as condições do mercado estão, pelo menos, razoáveis", disse.

Martins visitou ontem a Coreia do Sul para marcar as primeiras remessas de minério de ferro da Vale para a nova usina da Hyundai Steel. O primeiro alto-forno da Hyundai Steel, a maior siderúrgica de produtos para a construção civil da Coreia do Sul, entrará em operação no início de janeiro de 2010.

A Vale, que produziu um volume anualizado de 230 milhões de toneladas de minério de ferro no segundo trimestre, pode ampliar a produção para cerca de 300 milhões de toneladas.

No primeiro trimestre "apenas a China estava de fato aquecida", disse Martins. "Agora, mesmo o mercado brasileiro está cada vez mais forte", concluiu.

VEÍCULO: Jornal do Brasil**Seção: Economia**

Autor: Reuters

Data: 08/09/2009

Título: Vale prevê 12,7 mi de toneladas de carvão em mina de Moçambique

SÃO PAULO - A mina de carvão Moatzie da Vale em Moçambique poderá produzir até 12,7 milhões de toneladas de carvão metalúrgico por ano na primeira fase do projeto, disse nesta segunda-feira o gerente financeiro da companhia, Fabio Bechara. A companhia havia estimado previamente uma produção anual de 8,5 milhões de toneladas.

Bechara disse que a mina poderá também alcançar a meta de 2,4 milhões de toneladas de carvão térmico para exportação e um adicional de 2,5 milhões de toneladas para uma estação de energia de 600 megawatts que a empresa planeja construir próximo da mina.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: O Globo

Data: 09/09/2009

Título: Vale lançará US\$1 bi em bônus globais

A Vale vendeu ontem US\$1 bilhão em bônus globais com vencimento em dez anos, informou a companhia em comunicado na noite de ontem. Os papéis foram vendidos ao preço de 99,232% de seu valor de face, com rendimento de 5,727% ao ano, que será pago a cada seis meses. A operação foi coordenada por Goldman Sachs, HSBC e Santander.

A Vale não especificou onde serão aplicados os recursos captados. Para o analista Pedro Galdi, da corretora SLW, a empresa provavelmente não usará os recursos para aquisições de grande porte, já que ainda há muitas incertezas em relação à demanda no mercado de minério de ferro. As ações preferenciais da Vale subiram 2,27% ontem.

VEÍCULO: Valor

Seção: Primeira Página

Autor: Janes Rocha, do Rio

Data: 9/09/2009

Título: Vale capta US\$ 1 bilhão no mercado internacional com a emissão de bônus

Vale capta US\$ 1 bi no mercado externo

A Vale do Rio Doce captou US\$ 1 bilhão ontem no mercado internacional através da

emissão de bônus globais. Os bônus terão vencimento em dez anos e serão emitidos através da subsidiária Overseas Limited (Vale Overseas).

A empresa informou que os bônus vão render 5,727% ao ano, em cupom pago semestralmente, ao preço de 99,232% do valor de face do título. Este rendimento corresponde a um "spread" (margem de risco) de 2,25% acima dos títulos do Tesouro americano de prazo equivalente.

Os papéis da Vale do Rio Doce foram vendidos junto a investidores institucionais americanos, europeus e asiáticos, marcando a volta da atividade do mercado internacional de bônus depois do recesso de verão no Hemisfério Norte.

De acordo com uma fonte próxima à operação, a emissão da Vale teve grande demanda por parte dos investidores, um sinal de retorno da liquidez ao mercado depois da crise financeira iniciada no segundo semestre de 2008 e também do forte interesse em papéis de empresas brasileiras.

No comunicado aos investidores e à imprensa, a Vale limitou-se a informar que "utilizará os recursos líquidos dessa oferta para propósitos corporativos em geral". Os papéis terão garantia da Vale e foram ofertados ao mercado em uma operação coordenada e liderada pelos bancos Goldman Sachs, HSBC Securities e Santander.

A emissão recebeu rating "BBB+" e "Baa2", respectivamente das agências internacionais de classificação de risco de crédito Standard & Poor's (S&P) e Moody's. A S&P explicou através de um informe à imprensa que a nota atribuída à emissão da Vale reflete "o sólido perfil de negócios da empresa", a liderança no mercado de minério de ferro, posição favorável no de níquel e "a crescente diversificação geográfica de produtos".

Por outro lado, a agência destacou que os pontos positivos são contrabalançados "em parte pelos riscos associados à natureza cíclica da indústria" em que a Vale atua, "a estratégia de negócios baseada em aquisições, elevada distribuição de dividendos e uma certa dependência econômica da China".

A agência Moody's explicou que a nota atribuída equivale a "grau de investimento", "reservado a países e empresas com menor chance de descumprirem seus compromissos financeiros". A boa classificação da emissão da Vale do Rio Doce dada pela agência foi explicada por sua "base diversificada de produtos" e a liderança no segmento de minério de ferro.

"O rating também considera a exposição da empresa ao ciclo das commodities e sua necessidade de investimentos para manter seu perfil de produção.

VEÍCULO: Valor**Seção: Investimentos****Autor: Zhang Dingmin, Bloomberg, em Pequim****Data: 15/09/2009****Vale faz consulta sobre listagem de ações no mercado da China**

A General Electric (GE), maior fabricante de turbinas eólicas dos Estados Unidos, e a brasileira Vale, maior produtora mundial de minério de ferro, fizeram consultas sobre a abertura de capital na China, disse o principal executivo da CLSA Asia-Pacific Markets, Jonathan Slone.

A CLSA ajudou a agendar visitas de representantes da GE e da Vale à China para pesquisar a abertura de capital, disse ontem Slone a jornalistas em Xangai.

As empresas estrangeiras estão procurando entrar nas bolsas da China, depois que o Índice Composto de Xangai subiu 66% este ano, com os sinais de recuperação da economia do país. A Comissão Reguladora de Valores Mobiliários da China está estudando o estabelecimento de um conselho internacional, no qual as empresas estrangeiras serão negociadas, informou em agosto uma pessoa familiarizada com os planos.

Empresas norte-americanas, como Coca-Cola, Wal-Mart e GE, com sede em Fairfield, Estado de Connecticut (EUA), estão entre as estrangeiras que deverão procurar abrir capital nesse conselho, disse o UBS em junho.

O principal executivo do HSBC Holdings, Michael Geoghegan, disse em maio que o banco tem planos de listar ações em Xangai quando as regras do país permitirem.

O Standard Chartered, banco com sede no Reino Unido e negócios na Ásia, África e Oriente Médio, está estudando a listagem de suas ações em Xangai ou Mumbai, disse o principal executivo, Peter Sands, a jornalistas em Hong Kong ontem. Atualmente, as ações do banco são negociadas em Hong Kong.

"Estamos considerando a listagem em outros mercados, e Xangai é uma das bolsas que estão sendo consideradas", disse Sands. "Mas nenhuma decisão foi tomada por enquanto."

Representantes da Vale não estavam disponíveis para comentar o assunto. Geoff Li, porta-voz da GE China, disse que não faria nenhum comentário.

VEÍCULO: Folha de São Paulo**Seção: Economia****Autor: DA REPORTAGEM LOCAL****Data: 21/09/2009****Título: Mineradoras contestam estudo do BNDES**

Associação do setor diz que o banco estatal não tem dados completos das empresas, que estão revisando seus planos

Mineradoras veem com desconfiança críticas do governo ao setor e vontade de elevar taxaço sobre a exploração de minérios.

Ricardo Moraes - 25.jun.2009/Associated Press



Os presidentes da Vale (esq.), Roger Agnelli, e da Petrobras, José Sérgio Gabrielli; para BNDES, setor do 1º investe menos que o do 2º.

Criticadas pelo governo por não investir o que deveriam para tirar o país da crise, as empresas mineradoras reagiram..

O Ibram (Instituto Brasileiro de Mineração), entidade que congrega as maiores companhias do setor, entre elas a Vale, questionou a capacidade do BNDES de medir cenários de investimentos na área.

"Os números divulgados pelo BNDES são muito inferiores aos planos efetivos de investimentos das empresas mineradoras", disse Paulo Camillo Penna, presidente da entidade.

Camillo considerou ainda uma "ameaça" ao setor os "insistentes" anúncios do Ministério de Minas e Energia de mudar o marco regulatório para a exploração de minérios. "Soam sempre aos ouvidos do investidor como uma ameaça."

Queda dos investimentos

Estudo do BNDES mostra queda ininterrupta dos investimentos planejados pelo setor de mineração para 2009/2012. Os planos de investimentos para o período teriam partido de R\$ 72 bilhões antes da crise, atingiram R\$ 52 bilhões em dezembro do ano passado e caíram ainda mais em agosto último, para R\$ 46 bilhões -redução de R\$ 26 bilhões.

Segundo Ernani Torres Filho, superintendente de pesquisa e acompanhamento econômico do BNDES, a queda é maior do que aquela divulgada pelas próprias empresas do setor. "Nossa percepção é a de que o setor teria um potencial de investimento muito maior."

Em entrevista à **Folha**, a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) cobrou da Vale, empresa líder do setor, maior compromisso com o país. "É uma empresa privada delicada", que não pode sair por aí "explorando recursos naturais do país e não devolver nada".

Camillo, presidente do Ibram, diz que os números do BNDES estão errados porque o banco, e talvez outros órgãos do governo, não tem todas as informações disponíveis de dentro das empresas.

O Ibram não possui estimativas de investimentos para o período 2009/2012. Suas previsões cobrem um período um pouco maior, de 2009 a 2013, para o qual as empresas investiriam R\$ 94 bilhões.

"Entre R\$ 46 bilhões e R\$ 94 bilhões existe uma discrepância monstruosa", disse Camillo.

Segundo ele, muitas empresas do setor estão rearranjando seu portfólio de minerais, deixando de investir em um para apostar em outro. "É provável que o BNDES não registre a realocação dos investimentos."

Camillo contestou a vontade do governo de limitar o prazo de exploração mineral, aumentar os royalties e instituir uma participação especial, a ser paga pelas empresas ao governo. "Isso não parece exatamente uma ideia para fomentar investimentos. Soa mais como uma ameaça." **(MARCIO AITH)**

VEÍCULO: Valor**Seção:** Investimentos**Autor:** Por Vera Saavedra Durão, do Rio**Data:** 21/09/2009**Título:** Eike Batista faz planos de dobrar valor da Vale

O plano de expandir o grupo EBX nos próximos quatro anos não é suficiente para satisfazer a ambição de Eike Batista. O bilionário está disposto a lutar para ser sócio no bloco de controle da Vale, a segunda maior mineradora do mundo. Nos anos 60 e 70, estatal, a Vale foi comandada por Eliezer Batista, pai de Eike. Três décadas depois, o filho sonha assumir a direção da gigante da mineração, com valor de mercado perto de R\$ 200 bilhões.

Homem de mercado, investidor agressivo, Batista antevê potencial na companhia para dobrar seu valor de mercado em cinco anos, como confidenciou a amigos próximos. Ele tem muitas ideias para a Vale. Uma delas é uma oferta de compra pela ferrovia ALL. A aquisição dotaria a empresa de rede ferroviária nacional integrada no país. Outro sonho é de fortalecer o braço de petróleo da Vale com a OGX, empresa de petróleo e gás da EBX. Nesse clima de empolgação Eike Batista parte para segunda investida para chegar ao topo da empresa.

Depois de ter levado uma recusa do Bradesco à sua proposta de compra da Bradespar, o empresário iniciou conversas com a Previ, fundo de pensão do Banco do Brasil e maior acionista da holding Valepar, que controla a mineradora. Ele está disposto a adquirir 25% da fatia do fundo de pensão, apurou o Valor. Esse percentual dá direito de veto ao sócio no bloco de controle. Apenas a Previ tem direito de veto na Valepar porque os demais têm fatia inferior a 25% (a Bradespar com 21,1% do capital votante, a trading japonesa Mitsui, 18,5%, a BNDESPar com 12,5% e o Eletron - Opportunity -, com 0,029%).

Nesse clube fechado, a Previ participa por meio do veículo Litel com mais três fundos: Funcef, Petros e Funcesp. A Litel é controlada pela Previ com 81,15%, enquanto os outros três fundos detêm juntos 18,85%. A Litel tem 48,79% no capital votante da Valepar e mais 4,68% num outro pequeno veículo Litel A, o que soma uma fatia de 53,47% da Litel na Valepar. Mas a Litel só pode votar na Valepar com 48,79%. O acordo diz que os acionistas não podem deter mais de 49% da Valepar.

Por isso, as ações que excedem esse percentual em poder da Previ se encontram na Litel A, um veículo criado para abrigá-las como preferenciais. Mas se elas forem vendidas, voltam

a ser ordinárias, conforme reza acordo feito com a Previ.

Os três fundos de pensão que detêm participações na Litel (a maior participação é da Funcef, com 11,65%) não têm autonomia para vender sua fatia na Valepar sem o "sinal verde" da Previ. Mesmo que eles estejam dispostos a fazê-lo, informaram interlocutores ligados aos controladores da Vale, qualquer mudança nessa regra só com um novo acordo de acionista da Valepar, o que poderá ocorrer em 2017.

Isoladamente, a Previ participa indiretamente com 23,51% do capital votante e 14,71% do capital total da Vale.

É nesse emaranhado acionário que Batista pretende garimpar sua participação no controle da Vale. Ele já esteve na sede da fundação, numa primeira rodada de entendimentos. Depois de oferecer R\$ 9 bilhões ao Bradesco pelas ações da Bradespar e ter sua proposta recusada, Batista pretende oferecer à Previ um prêmio de controle de 15% para fechar o negócio. A Previ é uma fundação "desenquadrada" nos seus investimentos em renda variável. Segundo as regras da Secretaria de Previdência Complementar (SPC) todo fundo de pensão deve investir até um limite máximo de 50% de seus negócios em renda variável e a Previ tem 60%. Mas a SPC deu um prazo até 2014. A questão do desenquadramento da Previ é chave nas conversas com a equipe de Batista.

Para entrar na Vale, Eike Batista, mesmo contando com apoios dentro do governo, que os interlocutores preferem não nomear, vai ter que enfrentar desafios, como a alergia do governo aos estrangeiros. Ele está vendendo parte da MMX, sua mineradora, para os chineses. É preciso saber se esse tipo de parceria seria bem vinda na Vale. Ciente dos obstáculos, Eike Batista contratou quatro bancos para assessorá-lo na negociação com a Previ: Santander, Itaú, Credit Suisse e o BTG, de André Esteves.

Hoje, em Nova York, Batista será anfitrião de um jantar em homenagem ao presidente Luiz Inácio da Silva, juntamente com o presidente mundial da ExxonMobil. Certamente, nesse encontro, terá um tempo para falar à Lula de suas pretensões na Vale.

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia

Autor: AGNALDO BRITO DA REPORTAGEM LOCAL

Data: 21/09/2009

Título: Belo Monte entra na mira de grandes empresas

Companhias como Vale, Votorantim, CSN e Alcoa avaliam participação em usina Governo vai liberar fatia de 20% do projeto para os chamados autoprodutores e assim avalia que conseguirá dois consórcios na disputa

Pelo menos quatro grandes grupos industriais montaram comitês internos para estudar a participação no leilão da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. A obra será a maior do

país depois de Itaipu, terá custo estimado em R\$ 20 bilhões e demorará dez anos para ficar pronta. A responsabilidade do projeto é da Eletrobrás.

Entre os grupos estão a Vale do Rio Doce, a Votorantim, a Alcoa e a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). O empreendimento está em fase de licenciamento ambiental, mas a expectativa do governo é colocar o projeto em leilão até o fim deste ano.

A participação desses grupos como investidores pode viabilizar o plano do governo federal de conseguir a formação de dois consórcios. Além dos autoprodutores, construtoras como a Camargo Corrêa, Odebrecht e Andrade Gutierrez devem integrar os consórcios. Como investidores, a CPFL e a Neoenergia, ambas com participações da Previ, também podem fazer parte da disputa.

Em entrevista à Folha, Maurício Tolmasquim, presidente da EPE (Empresa de Pesquisa Energética), disse que conseguiu "mapear" os grupos interessados e que o modelo que permite a participação dos autoprodutores nos consórcios garantirá a formação de dois consórcios. O governo estava preocupado com o risco de haver apenas um consórcio na disputa, o que acabaria com a concorrência observada no leilão das usinas do rio Madeira.

Além dos autoprodutores, outro trunfo do governo é o grupo Eletrobrás, que poderá entrar no negócio como holding ou dividir a partir das subsidiárias, que poderiam buscar as composições nos consórcios. "A participação da Eletrobrás como holding ou através das subsidiárias não muda nada. Para o mercado, a forma independe", disse.

Para abrigar os autoprodutores, o governo irá mudar o modelo de divisão da energia em relação àquele usado nas usinas do rio Madeira. A parte destinada aos consumidores livres será reduzida de 30% para 10%. Os 20% ficarão para os consórcios que conseguirem atrair os autoprodutores. Nesse caso, a parte do mercado cativo (formado pelas distribuidoras que compram energia para atender aos consumidores comuns) continuará em 70%, como no rio Madeira.

Mas caso não haja autoprodutores, o consórcio terá então de vender não mais 70% ao mercado cativo, mas 90% da energia. Uma fonte ligada aos autoprodutores disse que a oferta de 20% para os grandes grupos industriais é razoável, mas há grandes dúvidas ainda sobre os riscos ambientais e sociais do projeto, além da falta de informações sobre o valor real da obra. Em princípio, os autoprodutores querem investir, mas sem o risco ambiental. O governo, em princípio, não aceitou.

Hoje, a Abdib (Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base) promoverá encontro para discutir o projeto. Autoridades da área energética do governo devem participar do evento e a expectativa é que muitos esclarecimentos sobre o edital de Belo Monte sejam divulgados.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Correspondente

Data: 22/09/2009

Título: Eike diz que, se tiver oportunidade, pode comprar participação da Vale

Em jantar em NY, empresário afirma que Lula é um presidente dos deuses
Marília Martins

NOVA YORK e RIO. O empresário Eike Batista afirmou na noite de segunda-feira, em evento em Nova York, que pode considerar a aquisição de uma fatia na mineradora Vale, se tiver chance. A declaração foi dada à imprensa local, após participar de jantar no Waldorf Astoria, no qual o presidente Lula foi homenageado pelo Woodrow Wilson Center.

Eike, que foi mestre de cerimônia no evento, também aproveitou a ocasião para fazer um discurso cheio de elogios a Lula.

A princípio, o empresário não quis responder a perguntas dos jornalistas sobre notícias de que teria feito uma oferta pelas ações da Vale em poder da Bradespar.

Mas, diante da insistência dos repórteres, afirmou: — Nós temos muito capital, e se houver espaço para nós, podemos fazer as coisas acontecerem.

Nós estamos sempre analisando este tipo de coisa.

A Bradespar enviou comunicado ao mercado na segunda-feira à noite confirmando ter havido “manifestação de interesse” de Eike na participação que a holding detém na Vale. No entanto, diz que a proposta não foi aceita e que sequer foi “objeto de estudo”. O comunicado foi enviado em resposta a ofício da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) exigindo esclarecimentos sobre notícias publicadas na imprensa.

As ações da MMX, braço de mineração do empresário, têm subido fortemente nos últimos dias, com as especulações em torno da negociação. Só ontem subiram 6,53%, figurando entre as maiores altas entre os papéis que fazem parte do Índice Bovespa (Ibovespa). As ações da LLX, empresa de Eike do setor de logística, em que a Vale também atua, subiram 1,77%.

Durante o jantar na segunda-feira, Eike sentou-se ao lado de Lula e conversou, animadamente, com o presidente. O empresário elogiou os investimentos brasileiros no pré-sal e disse que as parcerias oferecidas pelo governo aos empresários provam que “o Brasil respeita todos os seus contratos”: — O presidente Lula é um presidente dos deuses. Lula já deixou seu nome na história.

Com a descoberta dessa incrível reserva de petróleo no pré-sal, o presidente não apenas provou que Deus é brasileiro como também que mora no Rio de Janeiro.

O Brasil de Lula é um país novo, um Brasil novo que honra e respeita seus contratos. Eu, como brasileiro, digo que o sucesso das minhas empresas não seria possível sem esse Brasil.

Antes da premiação, Lula concedeu uma audiência reservada para Eike e o diretor-executivo da Exxon, Rex Tillerson, no hotel Waldorf Astoria. Mas durante seu discurso para uma plateia de empresários, diplomatas e investidores não fez referência aos assuntos tratados de forma reservada com o presidente.

VEÍCULO: Jornal do Brasil**Seção: Economia****Autor: JB****Data: 23/09/2009****Título: Dilma quer novo marco regulatório na mineração**

BRASÍLIA - A ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, afirmou que as leis que regem o setor de mineração estão defasadas, pois são da década de 60. E confirmou que o governo está preparando um marco regulatório para as mineradoras também.

– Nós sabemos que um marco regulatório feito na década de 60 não está adaptado para as exigências do século 21. O ministro Lobão me falou que faz esse marco regulatório mesmo demitido – disse a ministra Dilma Rousseff.

Os governadores, segundo a ministra, reclamam da “insignificância” da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cefem) que fica para os governos locais.

– Esse é um compromisso do governo de fazer um novo marco regulatório da mineração e a gente está sensível à queixa dos estados onde tem muitos recursos minerais que falam do processo de especulação com a concessão de lavra _ disse a ministra após palestrar no seminário "Pré-Sal e o Futuro do Brasil".

VEÍCULO: Valor**Seção: Primeira Página****Autor: Francisco Góes, do Rio****Data: 24/09/2009****Título: Estaleiros no país não têm condições de atender a Vale**

A Vale reabriu negociações com estaleiros no Brasil para contratar a construção de quatro navios de grande porte destinados ao transporte de minério de ferro. Mas a menos de um mês do prazo final para a entrega das propostas, em 15 de outubro, ainda não recebeu nenhuma oferta. Duas das empresas que foram procuradas não tiveram interesse. A Setal disse que ainda estuda a viabilidade da encomenda, mas seu foco de negócios é outro. A W. Torre e o estaleiro Eisa estudam o assunto, mas este

último precisaria de um novo local. O Atlântico Sul informou que está com a capacidade de produção ocupada até 2013.

Encomenda da Vale não atrai estaleiros

A Vale reabriu negociações com estaleiros no Brasil para contratar a construção de quatro navios de grande porte dedicados ao transporte de minério de ferro. Mas a menos de um mês do prazo final para a entrega das propostas, em 15 de outubro, a empresa ainda não recebeu nenhuma oferta. O Estaleiro Atlântico Sul (EAS), de Suape (PE), principal candidato a construir as embarcações, informou à mineradora que está com a capacidade de produção ocupada até 2013. A Vale quer ter uma frota montada até essa data.

A contratação dos navios se insere em estratégia da Vale para transportar minério de ferro a baixo custo para a China. Com esse objetivo, a empresa vai criar uma frota dedicada que inclui embarcações próprias e afretadas a longo prazo. "A empresa gostaria de ter essa frota montada até 2012-2013", disse Humberto Freitas, diretor de operações logísticas da Vale.

Freitas disse que, em 2008, a mineradora já havia solicitado a algumas empresas propostas para a construção de navios em estaleiros brasileiros mas não obteve resposta. Recentemente, a empresa teve um encontro com estaleiros para discutir o assunto. A reunião foi intermediada pelo Sindicato Nacional da Indústria da Construção e Reparação Naval e Offshore (Sinaval). "Tivemos uma reunião com o Sinaval e depois reafirmamos o interesse de construir (os navios) no Brasil", disse Freitas.

Em agosto, o Sinaval e a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) se queixaram ao ministro da Fazenda, Guido Mantega, de encomendas feitas pela Vale na China, segundo noticiado pelo Valor. O tema foi levantado em reunião do Grupo de Acompanhamento da Crise. A Vale reagiu às declarações e o clima esquentou. O inconformismo do Sinaval estaria no fato de que a Vale contratou na China a construção de 12 grandes navios, cada um com capacidade de carga de 400 mil toneladas, em uma encomenda de US\$ 1,6 bilhão. O primeiro navio tem previsão de entrega no início de 2011 e os demais até o fim de 2012.

Os navios que agora a Vale tenta encomendar no Brasil têm a mesma capacidade de carga das embarcações chinesas. Em carta enviada no início deste mês ao presidente do Sinaval, Ariovaldo Rocha, o diretor de operações logísticas da Vale destacou a retomada das negociações. "Sempre tivemos a firme intenção de viabilizar a construção desses navios em estaleiros brasileiros e nossa posição permanece a mesma", afirmou Freitas na carta. Rocha, do Sinaval, disse que o mais importante foi que a Vale e os estaleiros começaram as conversas. Mas as discussões não são garantia de que se conseguirá chegar a um acordo comercial.

Entre as seis empresas que participaram da reunião da Vale ou que receberam a solicitação de proposta da empresa para a construção dos navios, duas não têm

interesse na encomenda. É o caso da Odebrecht e do estaleiro Keppel Fels, com instalações em Angra dos Reis (RJ). Ambos estão focados na área offshore, de construção de plataformas e sondas de perfuração para a indústria de óleo e gás. A Setal, que participou da reunião com a Vale, disse que ainda estuda a viabilidade da encomenda, mas é outra empresa cujo foco recai sobre o offshore, um negócio de maior valor agregado do que construir grandes navios graneleiros.

A W. Torre disse que recebeu o convite e ainda está analisando. E o Estaleiro Ilha S.A. (Eisa), do Rio, também estuda o assunto mas para construir os navios da Vale precisaria de um novo local. O estaleiro, controlado pelo grupo Synergy, de Germán Efromovich, tem projeto de construir novas instalações. Fontes do setor avaliam que o Estaleiro Atlântico Sul entraria em melhores condições nessa concorrência por ser uma construção nova e de tecnologia mais avançada.

O problema é que o próprio estaleiro já informou à Vale que não tem condições de atender à encomenda no prazo que a mineradora gostaria. Hoje o EAS tem contratos para construir 22 navios para a Transpetro, além do casco da plataforma P-55 da Petrobras. Procurado, o estaleiro não se pronunciou. Freitas, da Vale, indicou que o problema pode ser contornado: "Se o estaleiro não pode (atender) hoje mas pode (fazê-lo) depois de 2013, vamos analisar."

VEÍCULO: Valor**Seção: Brasil****Autor: Sergio Lamucci e Vera Saavedra Durão, de São Paulo e do Rio****Data: 25/09/2009****Título: Aécio defende royalty maior sobre a mineração**

O governador de Minas Gerais, Aécio Neves (PSDB), diz que chegou a hora de aumentar a cobrança de royalties do setor de mineração. Para ele, a discussão do modelo de exploração do petróleo na camada pré-sal cria a oportunidade para estender o debate. Segundo Aécio, os percentuais pagos pelas mineradoras a título de royalties são baixos - de 0,2% a 3%, dependendo do produto - e ainda por cima incidem sobre a receita líquida das empresas. No caso do petróleo, por exemplo, eles variam de 5% a 10%, e recaem sobre o faturamento bruto das companhias.

"No ano passado, o Rio de Janeiro recebeu R\$ 6 bilhões a títulos de royalties e das participações especiais da exploração do petróleo. Sabe quanto Minas Gerais recebeu de recursos referentes à mineração? Menos de R\$ 100 milhões", reclama Aécio. O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, também tem defendido a mudança no sistema de cobrança de royalties sobre a exploração de minérios, dizendo que o modelo atual é "contrário aos interesses do Brasil" e que o código vigente é "velho e carcomido". O governo federal estuda um novo projeto de tributação sobre o setor.

Para o governador mineiro, a mudança deve ser feita com calma, para não afetar o planejamento das mineradoras. "Se a mudança for aprovada em 2010 e valer para

2011, está ótimo", afirma ele. O crescimento das alíquotas também pode ser gradativo. Para Aécio, é fundamental que as empresas repassem uma parcela maior do seu ganho às regiões em que fazem a exploração, para permitir que elas desenvolvam outras atividades econômicas quando o minério se exaurir.

Aécio Neves também tem buscado as mineradoras para que aumentem os investimentos no Estado, agregando valor à produção. E espera anunciar em breve um novo projeto da Vale do Rio Doce. A Vale confirmou ao Valor investimentos de US\$ 3 bilhões em dois grandes projetos de mineração e concentração de minério no Estado de Minas Gerais, de US\$ 1,5 bilhão cada. Trata-se do projeto Apolo, na região Central do Estado, com capacidade para produção de 24 milhões de toneladas de minério de ferro e o projeto de expansão da mina de Conceição em Itabira, na mesma área do Apolo.

A Vale já informou ao governo de Aécio Neves sua intenção de fazer esses investimentos. E está acelerando as conversas com o governo mineiro, pois precisa encaminhar os pedidos de licença ambiental para dar partida aos empreendimentos. Deve ser assinado um protocolo de intenções entre a Vale e o governo estadual anunciando os novos negócios da mineradora no Estado, em breve.

O governo mineiro também está buscando atrair outras mineradoras para Minas com a criação de um novo polo mineral no Norte do Estado. O projeto vem sendo desenvolvido por empresas detentoras de direitos minerários na região, onde pretendem construir um complexo industrial de mineração - com mina, usina ferroviária, mineroduto e porto. O plano é gerar emprego numa das áreas mais pobres do Estado. Essas empresas estão reunidas no Consórcio Novo Horizonte. A Vale adiantou que não está participando do consórcio

Sobre a tributação do setor de mineração, o governador diz que não conhece a proposta de Lobão, mas lembra que há um projeto em tramitação na Câmara dos Deputados sobre o assunto. De autoria do deputado José Fernando Aparecido de Oliveira (PV-MG), a proposta eleva a cobrança de royalties, no caso do minério de ferro de 2% para 4%. Além disso, ela passaria a ser feita sobre a receita bruta da empresa, e não mais sobre o faturamento líquido. Outra mudança que consta do projeto é a instituição de uma participação especial no setor, instrumento que existe na exploração de petróleo, mas não no caso da mineração.

Ao comentar a discussão sobre o pré-sal, Aécio diz acreditar que a definição da divisão dos royalties entre os Estados não será feita neste ano e nem no que vem - e nem precisa ser feita agora. Como a exploração deve começar daqui a alguns anos, o tema deve ser discutido somente no próximo governo. Ele acha inevitável que os Estados produtores fiquem com um naco maior, mas não na proporção prevista pela legislação atual. "Senão teremos Estados de segunda classe, apenas porque estão no interior." Ele acredita que uma proposta intermediária - que deixe 30% do bolo a ser auferido na partilha para os Estados produtores, 30% para a União e 40% para os demais Estados - pode ser a solução. Todos os beneficiários, contudo, devem usar os recursos para os mesmos fins a serem definidos para o fundo do pré-sal. Na sua opinião,

prioritariamente saúde e educação, com pequenas concessões a outras áreas, como a ambiental.

Aécio diz que Minas Gerais sofreu bastante com o baque que atingiu o setor de mineração neste ano, devido ao impacto da crise global sobre as exportações do segmento. A arrecadação mensal de impostos proveniente do setor de mineração, que no ano passado ficava entre R\$ 60 milhões e R\$ 70 milhões, caiu para R\$ 6 milhões.

VEÍCULO: Valor

Seção: Espaço Aberto

Autor: Vera Saavedra Durão, do Rio

Data: 25/09/2009

Título: Vale vai manter independência e focar na mineração

A Vale não vai abrir mão da mineração como atividade principal. Esse é o pensamento vigente na empresa, além do objetivo de sempre buscar resultados para seus acionistas. Enquanto os projetos de investimento propostos pelo presidente Lula à companhia coincidirem com a política de rentabilidade da empresa eles serão levados à frente. A mineradora lembra que tem uma governança como empresa de capital aberto, milhares de acionistas e uma estratégia traçada pelo conselho de administração da qual não pode fugir. "Qualquer alteração de voo tem que ter o aval dos acionistas", disse José Carlos Martins, diretor de Ferrosos da Vale em entrevista ao Valor.

Nos últimos meses, a companhia foi alvo constante de notícias de que o governo federal não está satisfeito com a administração do seu atual presidente, Roger Agnelli. E não faltam boatos sobre sua saída do cargo. Desde a demissão de mais 1,3 mil funcionários, logo após a deflagração da crise financeira internacional, o governo azedou com a mineradora. O descontentamento tem se manifestado através de pressões sobre a política de investimentos da empresa.

Criticada por não verticalizar sua produção mineral, a Vale recebeu pedidos oficiais para investir cada vez mais em projetos na área siderúrgica. Até reclamações do segundo escalão do Executivo, de que a empresa não paga impostos, já circularam na imprensa. A elas se unem reclamações em torno de encomendas feitas pela companhia para construção de navios na China.

Até agora, porém, nada disso afetou as ações da empresa. "As ações da companhia têm subido. Depois de atravessarmos um período muito difícil com a crise mundial, quando tivemos grandes quedas nas vendas de minério a partir de outubro de 2008, os últimos números são positivos. Estamos neste segundo semestre operando em nível de atividade próximo ao que existia antes da crise, de vendas de 25 milhões de toneladas de minério ao mês, apesar da queda no preço do produto e de metálicos como níquel e cobre", informou Martins.

Ele avalia que a alta do valor da ação da Vale está antecipando a recuperação do mercado de commodities. "O fenômeno não é isolado da Vale", diz. O diretor diz que no primeiro semestre a mineradora trabalhou em ritmo de produção anual de 200 mil toneladas de minério de ferro e agora, neste segundo, já sinaliza um ritmo de capacidade máxima de 300 mil toneladas no ano. "Mas é difícil fazer estimativas no momento", afirma.

O executivo informa que o foco na mineração, incluída aí a logística, é definido pela estratégia de negócios da Vale, aprovada anualmente pelo conselho de administração da empresa, presidido no momento pelo presidente da Previ, Sérgio Rosa, a maior acionista controladora da Vale. "Qualquer mudança nos rumos dos investimentos é da competência dos acionistas, o que não impede o presidente da República e o governo de expor seus desejos e suas intenções para com a companhia", afirma Martins. Ele reconhece que a Vale é uma empresa inserida no contexto brasileiro e que depende muito do Estado para atuar.

"Nossas áreas de atuação no Brasil são definidas por concessões, sejam na área mineral, de ferrovia ou de portos. Não podemos, a administração da companhia e seus acionistas, ouvir tais colocações e não considerá-las", destaca. Mas ele lembra que tais demandas têm sempre de ser analisadas sob o contexto de uma empresa privada que tem de prestar contas a seus acionistas.

No caso específico da indústria siderúrgica, o diretor da Vale afirma que a política traçada pela diretoria executiva e aprovada pelo conselho estabelece como modelo de negócio o "investment for trade", ou seja, investir para negociar, leia-se vender minério. "É assim que operamos nessa área", diz. Como o mercado brasileiro de aço é pequeno, a Vale desenvolve projetos siderúrgicos no país com usinas nacionais ou estrangeiras onde é sempre minoritária. O objetivo das parcerias é ganhar clientela para o minério. Até agora, apesar das pressões oficiais, a estratégia não mudou. "A Vale continua trabalhando para desenvolver projetos siderúrgicos em todo o Brasil para vender mais minério."

Os desafios adicionais que o governo coloca para Vale são vistos pelo executivo como positivos. "O governo sabe que a Vale é uma empresa que realiza", diz. Ele não vê conflito entre o interesse do governo e o da empresa. "O próprio presidente Lula disse que o que existe entre governo e Vale é uma "pseudo divergência". Acho que é isso."

Martins não quis se manifestar sobre a investida do empresário Eike Batista para ser sócio da Vale. "É assunto dos acionistas". Sobre os rumores da saída de Agnelli do comando da mineradora, ele é lacônico: "O cargo dos administradores é da empresa e do conselho de acionistas. Ele é soberano para decidir sobre isto. Mas em nenhum momento este assunto foi colocado", afirma.